

A LITERATURA PENSAnte DE CLARICE LISPECTOR

Carlos André de Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: A partir da análise do conto “Os desastres de Sofia”, este trabalho objetiva mostrar que a obra de Clarice Lispector constrói um diálogo entre literatura e filosofia, isto é, a autora inventou uma literatura do pensamento, questionante, provocante, filosofante, que toca diretamente o sistema nervoso e cerebral do leitor, despertando o pensador que estava adormecido dentro dele. Conclui-se que Clarice não é filósofa, mas faz uma literatura reflexiva, indagadora, problemática que apresenta afinidades com o pensamento filosófico. O diálogo da literatura com a filosofia constitui-se em recurso lícito e necessário, de caráter intertextual, que serve à escritora para pensar e elaborar as suas idéias, o seu texto híbrido que se encontra sempre no meio, entre as coisas, entre as linhas.

Palavras-chave: Intertextualidade (literatura brasileira e filosofia); Literatura brasileira (Clarice Lispector); Clarice Lispector (“Os desastres de Sofia”).

INTRODUÇÃO

Neste nosso tempo de indigência, de pobreza cultural, vale só o clichê, isto é, tudo no mundo de hoje parece conspirar contra nossa faculdade de pensar. Nos livros, jornais, revistas, filmes, músicas, escolas, etc., encontramos apenas o lugar-comum, a imagem já consagrada e desgastada, a opinião dominante.

Nesse contexto a literatura pensante é essencial porque ela serve para prejudicar a tolice, fazer da tolice algo de vergonhoso. Não tem outra serventia a não ser esta: denunciar a baixeza do pensamento sob todas as formas. Ela traça, uma linha de fuga para além da imagem estereotipada, da trivialidade, da imbecilidade, e nos faz enxergar não uma imagem justa (verdadeira, padronizada, de acordo com a indústria cultural, de acordo com o poder), mas uma imagem poética, criativa, problemática, que comunica vibrações ao córtex, toca diretamente o nosso sistema nervoso, convertendo em potência o que era apenas uma possibilidade: o pensamento.

Gilles Deleuze argumenta, em seu livro *A imagem-tempo*, que o cinema é um modo de pensar, ou seja, é também uma maneira de fazer filosofia, mas em termos puramente cinematográficos. Para ele a imagem cinematográfica tem um efeito de choque sobre o pensamento e força o pensamento a pensar tanto em si mesmo quanto no todo.

Em um movimento análogo, gostaríamos de argumentar que a literatura é também um modo de refletir, de pensar, de colocar problemas filosóficos ou cognitivos, em termos puramente literários (da mesma forma que não existe uma filosofia “literária”, tampouco existe uma literatura “filosófica”. O que existe, sim, são cruzamentos intertextuais entre literatura e filosofia).

É verdade que a literatura de massa, a literatura de entretenimento, não está preocupada com o pensamento ou com questões filosóficas: o que importa para esse tipo de literatura são os conteúdos fabulativos e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse, destinados a divertir o leitor, a preencher as necessidades do mercado. Porém, a nosso ver, a essência da literatura tem por objetivo mais elevado o pensamento.

Clarice Lispector, por exemplo, produziu uma literatura pensante, que restitui à literatura a sabedoria, a filosofia, o pensamento. Trata-se de uma literatura que rompe com o enredo factual, a idéia de catarse, e é uma constante pergunta, ponto de interrogação, indagação. “Torna-se por isso quase ilegível, aparta-se do público consumidor, rompe a noção de texto passivo, não preenche as necessidades do mercado. Não é um produto digerível.” (SÁ, 1979, p.132).

Onde, muito acomodados, buscamos respostas, a ficção clariciana só traz perguntas, questionamentos. “Escrever existe por si mesmo?”, pergunta a personagem do livro *Um sopro de vida*. E prossegue afirmando: “Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e porquê – é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação” (LISPECTOR, 1999, p.16).

Essa indagação realiza um questionamento profundo dos gêneros, das classificações. “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais. Estou num estado muito novo e verdadeiro, curioso de si mesmo, tão atraente e pessoal a ponto de não poder pintá-lo ou escrevê-lo”, afirma a personagem de *Água Viva* (LISPECTOR, 1998a, p.12-13).

É como se a literatura de Clarice Lispector, indagando, interrogando-se, abandonasse sua parte ruidosa de afirmação, se livrasse de si mesma, fazendo sempre outra coisa, uma coisa diferente dela mesma. Por exemplo ou por excelência: filosofia.

Este trabalho é uma indagação: procuramos realizar um questionamento profundo, sondar o fundo da escritura de Clarice Lispector, construir um texto sobre as relações entre literatura e filosofia. Mostrar que o discurso literário clariciano é uma atividade de pensamento. Certamente não queremos dizer com isso que ele faz filosofia, nem que a autora aplica à literatura idéias filosóficas, mas que a escritora inventou uma escrita do pensamento que desperta o pensador em nós, isto é, transforma-nos em leitores pensantes, desperta-nos do sono dogmático.

Ressaltamos que uma literatura “pensante”, longe de constituir uma classificação ou gênero, é só uma categoria forjada como hipótese de trabalho para investigar o mistério do texto de Clarice Lispector, literário e filosófico, que se faz no meio, nas entrelinhas, move-se entre dois códigos ou sistemas semióticos.

Esse adjetivo “pensante” pareceu-nos adequado porque o trabalho dessa autora sempre foi, na verdade, sobre o pensamento. “O que é que eu sou? Sou um pensamento. Tenho em mim o sopro? tenho? mas quem é esse tem? quem é que fala por mim? tenho um corpo e um espírito? eu sou eu?”, declara a personagem de *Um sopro de vida* (LISPECTOR, 1999, p.19).

O texto “Os desastres de Sofia” é o corpus principal deste estudo, permitindo uma certa delimitação. Todavia, outros textos da autora que dialogam com a filosofia também servem como suporte do trabalho.

OS DESASTRES DE SOFIA

A uma forma inusitada de pensar, explica Marilena Chaui (1994), os gregos deram o nome de Filosofia, palavra composta de filo (vinda de “Phília”, amizade) e sofia (“sophía”, sabedoria): amizade pela sabedoria, amor ao saber.

No seu amor ou amizade pela sabedoria, o filósofo inquieta-se com as certezas já estabelecidas, levanta dúvidas onde elas existem, questiona as verdades tidas como verdadeiras, problematiza os clichês, os hábitos. Ele é aquele indivíduo que ousa pensar, usar do seu intelecto para prejudicar a tolice, fazer da tolice algo vergonhoso. “Eu tinha medo de que escrever se tornasse um hábito, e não uma surpresa. Eu só gosto de escrever quando me surpreendo”, explica Clarice Lispector (Cadernos de Literatura Brasileira, 2004, p.72).

De acordo com Olga de Sá (Cadernos de Literatura Brasileira, 2004) em pelo menos três dos livros de Clarice Lispector há alusões à filosofia: Otávio, de *Perto do coração selvagem*, lê Spinoza e pretende comentá-

lo. Em “A quinta história”, a das baratas, o conto termina com uma referência a Leibniz. No livro *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, o personagem Ulisses é professor de filosofia.

Alberto Dines, em 20 de julho de 1973, envia uma carta entusiasmada para Clarice Lispector, após ter lido seu livro *Água Viva*, onde afirma que “você venceu o enredo. (...) A gente vai encontrando a todo instante situações-pensamento” (Cadernos de Literatura Brasileira, 2004. p.33).

Para Benedito Nunes (1976, p.93), “o desenvolvimento de certos temas importantes da ficção de Clarice Lispector insere-se no contexto da filosofia existencialista (...), partem da mesma intuição kierkegaardiana do caráter pré-reflexivo, individual e dramático da existência humana”.

Este trabalho tem a proposta de mostrar, principalmente com o apoio dos textos de Nietzsche, que o texto de Clarice Lispector traz uma concepção trágica da vida. Não se pretende afirmar que a autora leu Nietzsche, mas que é possível encontrar na sua escrita um ponto de vista, uma perspectiva nietzschiana.

O conto “Os desastres de Sofia”, por exemplo, insere-se no contexto da filosofia de Nietzsche. Trata-se da história de dois personagens: o professor e a sua aluna. O professor, “gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos”(LISPECTOR, 1998b, p.98) é niilista, ou seja, avalia a sua vida segundo a sua atitude em suportar pesos, em carregar fardos. Por isso ele tem ombros tão curvos, não olha para trás, não pergunta o que a aluna quer e livra-se dela com um safanão: prefere querer o nada do que nada querer. No seu paletó curto demais, cheio de autocontrole, tem medo do gozo, da “hýbris”, da desmesura, da diferença, e anseia por afastar-se de toda criança, de toda sedução, desastre, acaso, mudança, vir-a-ser. Por isso vive ameaçando expulsar a menina Sofia da sala de aula.

Em contrapartida, a aluna é dionisíaca e assume uma perspectiva além do bem e do mal: procura seduzir o professor, perverter esse homem fraco, domesticado pela cultura. Fazê-lo sair de seu lugar habitual e de seus caminhos costumeiros, através da composição, da redação exigida em sala de aula: “vou contar uma história, disse ele, e vocês façam a composição. Mas usando as palavras de vocês. Quem for acabando não precisa esperar pela sineta, já pode ir para o recreio” (LISPECTOR, 1998b, p.103).

É com a composição que a aluna espera combater seu principal adversário. Ela não produz uma composição habitual, mas uma escrita-pensamento, inesperada, que encerra muita sabedoria, uma sabedoria com que os ruins, as mulheres, já nascem, aqueles ruins que roem as

unhas de espanto: “apressava-me também o desejo de ser a primeira a atravessar a sala — o professor terminara por me isolar em quarentena na última carteira — e entregar-lhe insolente a composição” (LISPECTOR, 1998b, p.104-105).

A nosso ver, o que Clarice Lispector tematiza nesse belo texto é uma luta, uma correlação de forças, um combate entre o socrático, o teórico (o professor), e o desastre, o dionisíaco, o trágico (a aluna). Dentro da perspectiva nietzschiana, que é a perspectiva adotada neste trabalho, o mundo é constituído por forças agindo e reagindo umas em relação às outras. Nietzsche entende tudo o que ocorre, todo movimento, todo vir-a-ser como um constatar de relações de graus e forças, como um combate.

O que define o trágico, explica Gilles Deleuze, é a alegria do múltiplo, a alegria plural. “O trágico está somente na multiplicidade, na diversidade da afirmação enquanto tal. O que define o trágico é a alegria do múltiplo, a alegria plural” (1976, p.14). A menina Sofia é a potência feminina, noiva inseparável da afirmação dionisíaca, a inocência do devir. “Eu tinha muita consciência de ser uma criança”, afirma a personagem, “o que explicava todos os meus graves defeitos, e pusera tanta fé em um dia crescer— e aquele homem grande se deixara enganar por uma menina safadinha” (LISPECTOR, 1998b, p.113). Mas bem diferente é o professor com sua cólera: aquele que deprecia e nega a vida.

Por outro lado, Clarice no seu texto problematiza a questão do conhecimento, do amor à sabedoria, da filosofia, através da escrita. Estamos acostumados a procurar a sabedoria apenas na filosofia. Todavia, o conhecimento não se encontra apenas no texto filosófico: ele está também no texto literário.

O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA

A associação entre literatura e filosofia manifesta as mais diversas formulações atravessando o pensamento ocidental até chegar à nossa época: Deleuze, Foucault, Derrida.

Na opinião de Michel Foucault, “chegamos a uma idade que é, talvez, a do pensamento puro, do pensamento em ato, e uma disciplina tão abstrata e geral quanto a lingüística, tão fundamental quanto a lógica ou ainda a literatura depois de Joyce, são atividades de pensamento” (FOUCAULT apud DOSSE, 1993, p.367).

Para Jacques Derrida, “é disso, é para isso que a literatura (entre outras coisas) é sempre ‘exemplar’, ela é, diz, faz sempre outra coisa, uma

coisa diferente dela mesma, ela mesma que, aliás, é apenas uma coisa diferente dela mesma. Por exemplo ou por excelência: filosofia” (1995, p.62).

Segundo Gilles Deleuze, o exercício do pensamento não é um privilégio da filosofia, na medida em que vê a obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, como uma crítica da filosofia eminentemente filosófica, como uma busca da verdade que se opõe à dos filósofos racionalistas. Ele afirma, por exemplo, que “o cinema tem por objetivo o pensamento e seu funcionamento. Filósofos, artistas, são antes de tudo pensadores.” (DELEUZE apud MACHADO, 1990, p.3).

O fato, porém, de nossa tradição cultural ter pensado sempre a sabedoria a partir do logos filosófico, com o conseqüente rebaixamento da escrita a um mero suplemento, deve-se a Platão. “Platão condena sob o nome de fantasma ou simulacro o que se anuncia hoje, na sua mais radical exigência, como escritura”, explica Jacques Derrida (1997, p.93).

Para Platão o saber ou o conhecimento, a “sophía”, só pode efetuar-se através da palavra falada (“phoné”), que é um discurso proferido em presença. Jamais através da palavra escrita porque ela repete sem saber a realidade do ente-presente que é o logos, ou seja, ela nada tem a ver com a referência à verdade como desvelamento da presença plena.

No Fedro, por exemplo, a “phoné” está sempre associada ao logos, ao dentro, à “mnemé” (memória ativa), e encontra-se a serviço da filosofia, opondo-se à escrita (“phármakon”). A escrita, dentro da perspectiva platônica, é perigosa, isto é, um artifício, uma encenação que leva-nos para fora da sabedoria. “É que a escrita”, explica Sócrates a Fedro, “é muito perigosa e, nesse ponto, parecidíssima com a pintura, pois esta, em verdade, apresenta seus produtos como vivos; mas, se alguém lhe formula perguntas, cala-se cheia de dignidade. O mesmo passa com os escritos” (PLATÃO, 1975, p.93).

A escritura é desvalorizada, explica Jacques Derrida, “porque aparece a Platão (e após ele, a toda filosofia que se constitui como tal nesse gesto) como essa sedução fatal da reduplicação: suplemento de um suplemento, significante de um significante, representante de um representante” (DERRIDA, 1997, p.56).

Parece-nos que a concepção de Clarice Lispector do conhecimento, da sabedoria, coloca em crise ou problematiza a metafísica platônica, ou seja, para a autora o conhecimento está no trágico, no desastre, no dionisíaco, na escrita-feminina.

A operação feminina (não confundir feminina com a feminilidade, a feminilidade da mulher, a sexualidade feminina) está associada à escrita. A mulher, nos textos de Nietzsche, é tanto, diz Derrida, o bom modelo

quanto o mau modelo, ela é modelo da verdade, ela goza de uma potência sedutora que regula o dogmatismo, abala e faz correr os homens. Como mau modelo, logo transformado em bom, enquanto não acreditando na verdade, “ela joga a dissimulação, o adorno, a mentira, a arte, a filosofia artista, ela é uma potência de afirmação” (DERRIDA apud CONTINENTINO, 2002, p.80).

OS DESASTRES DE SOPHÍA

O nome da protagonista do texto “Os desastres de Sofia” remete imediatamente à filosofia, direcionando o olhar do leitor para dois planos textuais paralelos que dialogam. A palavra “Sofia” vem do grego “sophía” e geralmente é traduzida por “sabedoria”, procura ou busca pelo saber. Entretanto essa tradução é insuficiente para nosso propósito. Estudando a “différance” da significação desse nome, descobrimos que, na verdade, o nome “sophía”, na língua grega, é ambivalente como o termo “phármakon”, que pode ao mesmo tempo significar “veneno” e “antídoto”, e assim torna problemática qualquer tradução que privilegie um lado ou outro dessa ambivalência.

Marilena Chaui (1994) observa que “sophós”, o “sábio”, é aquele que é perito em seu ofício, seja qual for. E prossegue afirmando que sábio é aquele que naturalmente possui um saber útil, mas também astucioso, que pode servir tanto para o bem como para o mal.

A palavra “sophía”, portanto, é ambígua em sua significação e, entretanto, nós a entendemos sempre determinadamente. Lemos assaz freqüentes vezes esta palavra. Se, porém, agora não mais empregarmos esse nome como um clichê, um termo gasto, um lugar-comum; se em vez disso, procedermos como Derrida, escutarmos a palavra “sophía” em sua origem, então, ela soa “diferente”. Não basta dizer que “sophía” significa apenas “sabedoria”. Seria preciso, também, especificar que a “sophía” é, paradoxalmente, um questionamento profundo da própria sabedoria.

O verdadeiro amigo da sabedoria é aquele(a) que descobre, inventa novos usos para o saber, novas possibilidades. Por exemplo; o filósofo Nietzsche é um dos grandes sábios que se valeu da sabedoria, mas de um modo diferente: adversário de Platão, sua filosofia pode ser caracterizada como uma inversão paródica do platonismo, e da própria “philosophía”.

Sofia, no texto de Clarice Lispector, é a criança trágica ou sedutora. Ela é a amiga da sabedoria. Ao usar a palavra “Sofia” para nomear a sua

personagem, Clarice está jogando com a “diferença” entre o nome “Sofia” e “sophía”: “diferença” que é puramente gráfica e que nos obriga a tomar como referência o próprio traço escrito, ou é aquela que faz a sabedoria servir a novos fins, estranhos e diabólicos, muito pouco sábios na verdade. Para Derrida, a palavra escrita é diferença na medida em que não é um discurso apresentado em presença, em pureza, mas “um movimento, o lugar e o jogo que permanece puramente gráfico: escreve-se ou lê-se, mas não se ouve, não se entende”(1991, p.34).

Ao desestabilizar o professor através da composição (usando suas próprias palavras), da artimanha, da escrita, da dissimulação, do adorno, da mentira, a criança Sofia inverte a relação professor/aluno (a), baseada nas relações de poder. “Meu amargo ídolo que caíra ingenuamente nas artimanhas de uma criança confusa e sem candura, e que se deixara docilmente guiar pela minha diabólica inocência” (LISPECTOR, 1998b, p.114).

As instituições de ensino, na atualidade, não estão (com raras exceções) preocupadas em formar pessoas aptas a pensar de modo autônomo. Pelo contrário, estão voltadas para a domesticação do aluno, para torná-lo uma criatura dócil, infantilizada e submissa aos interesses do estado e da classe dominante. Em vez de educar o estudante para ousar pensar, nosso sistema educacional acaba por desencorajá-lo a ter opiniões próprias. E todo aluno que pensa é classificado como “problemático”.

O filósofo Nietzsche, por exemplo, fez críticas ao sistema educacional ou estabelecimentos de ensino de sua época que continuam muito atuais. Em breves palavras, pode-se dizer que, para Nietzsche, nosso sistema educacional não abre suas portas para a filosofia, para o exercício do pensamento porque os professores tornaram-se “anti-sábios”, isto é, funcionários que estão interessados em pensar apenas no que seus interesses materiais exigem e no que convém ao estado e à religião. Em suma, segundo Nietzsche, a cultura não pode se reproduzir e crescer quando a educação está orientada para uma profissão, uma carreira, uma função, um cargo ou o salário. “A maioria dos mestres se encontra, nestes estabelecimentos, no seu ambiente próprio, porque seus dons se encontram numa certa relação harmônica com o baixo nível e com a mediocridade dos seus alunos”, explica o filósofo alemão (Nietzsche, 2003, p.89).

Pensa-se, fala-se, escreve-se, dentro do sistema educacional, mas tudo isso dentro dos limites, evitando o “excesso”, a “hýbris”, o que ultrapassa a medida do senso comum. Dessa forma, cumpre-se o desejo da opinião dominante (da doxa), que teme o desconhecido, o trágico, o “desastre”, o problemático, os que pensam por si mesmos, isto é, os alunos que amam a sabedoria.

Para Nietzsche, o esquema acadêmico foi tão bem montado pelo Estado que, por exemplo, as redações ou composições são sobre temas específicos, estabelecidos à revelia dos alunos. Rosa Maria Dias, no seu livro Nietzsche educador, observa que “Nietzsche alerta para o pecado original que a pedagogia comete contra o espírito do educando, quando exige que este produza redações a partir de uma lista de temas; essa atividade, além de estéril, vai comprometer todo texto literário que ele porventura venha a escrever” (2003, p.97).

Portanto, a primeira medida a ser tomada para ouvirmos a voz da filosofia, da sabedoria, da “sophía”, dentro do ambiente educacional, seria concedermos aos nossos alunos a liberdade de escrever suas composições, seus trabalhos, usando assuntos que vão ao encontro dos seus interesses. Se os estudantes tivessem a liberdade de traçar, de colocar em cena (a cena da escritura) seus desatinos, suas perversidades, a fisionomia dos seus textos poderia adquirir um valor poético e filosófico, na medida em que surgiria na escrita deles um pouco mais do que a simples intenção de comunicar aquilo que está de acordo com os objetivos do estado ou da opinião que domina. “Que as ignorâncias e os desatinos deixem de ser penalizados; que deixem de ser vistos como aberrações ou debilidades; que a sociedade aceite finalmente (ou aceite de novo) desligar a escrita do aparelho de Estado de que faz hoje parte (BARTHES, 1987, p.46).

Qual a atitude do professor, no conto de Clarice Lispector, diante da composição da menina Sofia? Embora o professor de Sofia tenha contado uma história, onde deixa explícito que o trabalho árduo era o único modo de se chegar a ter uma fortuna, e pedido uma redação a partir desse tema, ele recebe uma redação com moral oposta, “alguma coisa sobre o tesouro que se disfarça, que está onde menos se espera, que é só descobrir” (LISPECTOR, 1998b, p.105). Todavia, ele sorri para a criança Sofia. Seu riso, no final da história, é uma atitude filosófica necessária para sair da verdade séria da academia, do hábito, dos rumos do Estado e entrar dentro do desastre, do imprevisto, da sabedoria que acompanha a menina doidinha e problemática chamada Sofia. A sabedoria é sempre uma abertura à revolta: é o trágico com toda a sua desrazão. É a loucura do pensamento. Todo aluno inteligente traz consigo um pouco de loucura, de perversidade ou de inutilidade.

Através do riso, esse professor comedido, muito controlado, anti-pático, muito feio, atinge a sabedoria trágica ou a “sophía”. Torna-se o herói alegre, o herói leve, o herói dançarino, o herói brincalhão, o bufão nietzschiano.

CONCLUSÃO

Existem várias definições de literatura. Por exemplo: uma corrente da teoria literária, o formalismo russo, vê como marca distintiva da literatura a operação de certo desvio organizado da linguagem, desvio perceptível em relação a outras ocorrências da linguagem consideradas mais conformadas aos usos tidos como normais. Isto é: a literatura seria a linguagem que coloca em primeiro plano a própria linguagem: torna-a estranha.

Outros acham que a literatura é um evento lingüístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos e um público implícito. E existem aqueles para quem a literatura é evasão, é êxtase, é viver subjetivamente “num mundo da lua” (por isso existe a suspeita de que os literatos e as pessoas que amam a literatura sejam “tolas”, “loucas”, “pervertidos” ou “inúteis”).

Aprendemos com Clarice Lispector que a literatura é, acima de tudo, algo questionante, provocante, filosofante. Ou seja: ela transforma-nos em seres pensantes, desperta-nos da narcose provocada pela mídia, pela academia, e faz-nos enxergar para além da imbecilidade reinante, para além do hábito, do conformismo. De acordo com a autora, “a literatura deve ter objetivos profundos e universalistas: deve fazer refletir e questionar sobre um sentido para a vida e, principalmente, deve interrogar sobre o destino do homem na vida” (Cadernos de Literatura Brasileira, 2004, p.63).

A literatura pensante de Clarice Lispector e de muitos escritores que fazem uma literatura filosofante é um dos estímulos ou uma das ginásticas mais apropriadas para ativar os circuitos do cérebro, da vida. Quando deixamos de ler ou escrever, com certeza, estamos mortos. Talvez seja por isso que Clarice, em uma entrevista à TV Cultura, em fevereiro de 1977, tenha afirmado isto: “Eu acho que, quando não escrevo, estou morta. (...) Bom, eu agora, eu morri. Vamos ver se renasço de novo. Por enquanto eu estou morta. Estou falando do meu túmulo” (Cadernos de Literatura Brasileira, 2004, p.73).

Os especialistas defendem que a leitura é um dos melhores exercícios: ela mexe com várias regiões cerebrais, cria novas imagens, amplia o vocabulário e o nosso repertório. Além de adquirir novas informações, ler estimula a expansão das ligações cerebrais, a formação de ligações entre os neurônios.

Quem olha o cérebro com um microscópio percebe que ele é formado por uma rede de fios muito finos, entrelaçados como um texto. Essa rede é tecida por bilhões de células nervosas, os neurônios. O cérebro contém 100 bilhões de neurônios. São eles que fazem o pensamento se materializar.

Os neurônios não se reproduzem. E quando um neurônio morre não há recuperação. O que se descobriu, entretanto, é que, com estímulos adequados, ler ou escrever, por exemplo, outras ligações se formam, favorecendo aquelas que ficaram deficientes.

Vivemos em um mundo desagradável, niilista, onde não apenas a indústria cultural, mas também os poderes estabelecidos têm necessidade de nossa ignorância para fazer de nós escravos, corpos dóceis. Dentro deste “admirável mundo novo”, é vital ou essencial valorizar uma literatura pensante. Entretanto, de acordo com a Câmara Brasileira do Livro, as pessoas não têm o hábito da leitura ou estão lendo pouco. Elas preferem, por exemplo, assistir à tolice que é um programa como o Big Brother a ler um bom livro. Isso significa que milhões de brasileiros abriram mão da faculdade de pensar. Estão com seus neurônios atrofiados: não sabem organizar as suas idéias, escrever, falar, votar, lutar pelos seus direitos, enfim, são facilmente manipulados pelo poder. São marionetes. Estão mortos. Isto é: são mortos-vivos. Os zumbis dos filmes de George Romero.

Referências

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: CLARICE LISPECTOR. Edição especial, números 17 e 18. Instituto Moreira Sales. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CONTINENTINO, Ana Maria Amado. Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino. In: ESTRADA, Paulo Cesar. (Org.). *Às margens. A propósito de Derrida*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- _____. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- DERRIDA, Jacques. *Paixões*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- _____. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. v. I. São Paulo: Ensaio, 1993.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- _____. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.
- _____. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. São Paulo: Loyola, 3003.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

PLATÃO. *Diálogos* (Fedro, Cartas, O primeiro Alcebiades). v. V. Pará: Universidade do Pará, 1975.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.